

Esquerda começa o ano ainda em dúvida sobre a candidatura de união contra FH

PT e PPS lançaram nomes, mas PDT e PSB esperam melhor definição do quadro

Mônica Gugliano

Sérgio Marques/25-9-97

• BRASÍLIA. Em busca de um nome de centro-esquerda capaz de unir seus partidos ou da consolidação de uma candidatura própria, as oposições começam 1998 em contagem regressiva. Até março, quando será realizado o Encontro Nacional do PT, as esquerdas medem forças e ensaiam campanhas eleitorais, tentando encontrar uma opção para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso. O PT e o PPS dão a largada na segunda quinzena de janeiro: o PPS instala o comitê central do ex-ministro Ciro Gomes. O PT aposta no sucesso de atos e reuniões plenárias com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

O lançamento da candidatura de Lula atende a dois objetivos: mobilizar os militantes, apáticos depois de duas derrotas nas eleições presidenciais, e pressionar os demais partidos de oposição para que tomem uma decisão rápida. Divididos quanto às reais chances de Lula, os petistas ganharam novo ânimo depois de ouvir o discurso do candidato em Brasília. Lula escolheu um tom moderado e conclamou o partido a arregaçar as mangas e trabalhar 24 horas por dia em busca da vitória. As palavras de Lula e a exposição pública da candidatura levam os petistas a acreditar que os demais partidos de oposição se convencerão de que ele é ainda a melhor opção.

— Não há outro nome com a mesma capacidade de aglutinar e com o mesmo patrimônio eleitoral — defende o presidente do partido, José Dirceu.

Brizola aceita ser vice, mas depende das alianças

Mas não é exatamente assim que pensam os demais partidos de oposição. Mesmo o PDT, cujo presidente, Leonel Brizola, se ofereceu para integrar a chapa como vice de Lula, age com muita cautela. Ora assegura que a aliança é certa, ora recua ameaçando com um candidato do partido. O PDT está observando as alianças regionais. Se no Rio Grande do Sul e no Estado do Rio a união com o PT se consolidar, crescem as chances de Brizola concordar em ser o vice de Lula. Caso isso não aconteça e os outros partidos de esquerda partam para opções di-



LULA E BRIZOLA: o petista lançou a candidatura e o pedetista pode ser o vice, dependendo das alianças regionais

ferentes, será difícil Brizola aceitar entrar na disputa com Lula.

Por isso, a decisão sobre como e com quem as esquerdas disputarão a eleição presidencial está, cada vez mais, nas mãos do PSB e, em menor proporção, no PCdoB. O partido do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, reage à aliança com Lula. Embalado nas vitórias conquistadas nas eleições municipais do ano passado, o PSB não quer, como os integrantes do partido costumam dizer, aderir. Além disso, o partido desconfia da viabilidade da candidatura de Lula. Seus integrantes têm dito que apresentar Lula pela terceira vez como opção para o Planalto é no mínimo um sinal de não renovação dos quadros na esquerda. O PSB sonha com uma candidatura de centro-esquerda. Um papel que poderia, segundo o líder na Câmara, Alexandre Cardoso (RJ), ser do ministro do Supremo Tribunal Fe-

deral (STF) Sepúlveda Pertence.

— O ministro representa tudo que a gente espera de um candidato com chances reais de vitória. Não é um político, está ligado às causas da esquerda e pode unir todos os partidos — disse.

Também em janeiro, no dia 21, o PSB tenta tomar uma decisão. Se não conseguir emplacar algum nome, integrantes como o secretário-geral, deputado Almino Afonso (SP), defendem a aliança com Lula. Além de buscar um consenso, as esquerdas vão tentar atrair dissidentes de partidos como PSDB e PMDB, que integram a base governista.

No PMDB, embora seu presidente, deputado Paes de Andrade (CE), insista na tese de candidatura própria, a Executiva já decidiu e trabalha pelo apoio a Fernando Henrique. Paes programou para o dia 25 um grande ato em São Paulo, em defesa da candidatura própria. Mas sua posição es-

tá ficando isolada. Os caciques peemedebistas consideram a eleição ganha com Fernando Henrique. Além disso, argumentam que o partido sequer teria uma opção. Dos nomes apresentados por Paes, os senadores Roberto Requião (PR) e José Sarney (AP) e o ex-presidente Itamar Franco, apenas Requião demonstra convicção para enfrentar a disputa. Sarney, apesar de dizer que seu nome está à disposição do partido, está trabalhando por sua reeleição no Amapá e para garantir uma reeleição tranquila de sua filha, Roseana, no Governo do Maranhão. Itamar só entraria numa disputa com Fernando Henrique se houvesse uma possibilidade mais do que razoável de vitória. Caso Fernando Henrique mantenha seu favoritismo, Itamar está mais propenso a disputar o Senado ou a permanecer embaixador, transferindo-se da OEA para a embaixada em Roma. ■